

HISTÓRIA, FAMÍLIA E RELIGIÃO:
Representações de Família entre as Testemunhas de Jeová
em Santo Estevão/BA (1970-2001)

Camila Noêmia Rener Santos Bastos¹

Resumo: As profundas transformações sociais e culturais da década de 1970, com a contracultura, o movimento hippie e mesmo, o advento da pílula, trouxe contestação ao modelo familiar tradicional. O estudo sobre representações de família entre as Testemunhas de Jeová, na cidade de Santo Estevão,/Ba, nas décadas de 1970 a 2001, como essas representações são construídas, pautadas no modelo tradicional de família e assegurada por um discurso religioso é o objeto de análise deste trabalho. Para isso, a contribuição da Sociologia da Religião, com seus métodos de análise, utilização de fontes orais, através de entrevistas, observações participante, recurso muito utilizado pela Antropologia, são relevantes para o estudo de família, religião e, principalmente, pelo período estudado, que se enquadra na chamada História do Tempo Presente.

Palavras-Chave: História, Testemunhas de Jeová e família.

Introdução

A sociedade contemporânea apresenta novos desafios à família, ou pelo menos ao modelo tradicional de família – pai, mãe e filhos – em decorrência das mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais que a sociedade moderna vem experimentando ao longo dos séculos. As profundas transformações sociais ocorridas nos anos de 1970, no Brasil e no mundo, afetaram as relações familiares porque trouxeram como pauta, as relações de gênero, contestando os papéis e lugares definidos como feminino e masculino. Conforme SOUSA (2004)², essas novas discussões e revisões do movimento feminista das décadas de 1940 e 1950 estão ligadas à Contracultura e ao movimento hippie.

É nesse período de crítica ao modelo patriarcal, visto como uma forma de dominação sobre a mulher, com “determinação dos papéis feminino e masculino dentro da estrutura do casamento”³, que o discurso de submissão feminina elaborado pelas Testemunhas de Jeová se reafirma construindo símbolos e representações, através da iconografia produzida pelos grupos se tornou essencial, pois além da leitura dos textos devocionais e doutrinários escritos, os papéis dentro da família são também representados pelas imagens.

Mas, ao contrário do que se poderia imaginar, a família não desapareceu e muito menos deixou de exercer forte influência na sociedade, permanecendo ainda como a principal de suas instituições, aquela que é a base da estrutura social. Perguntas, no entanto, não faltam sobre como a família sobreviveu ao individualismo, tão estimulado na sociedade, e quais são os mecanismos utilizados por esta instituição para não perder a sua importância no mundo pós-moderno.

A tentativa de resposta pode começar pela última pergunta, através de outra instituição tão antiga quanto à própria família: a religião. Em geral, as religiões têm em seus discursos uma valorização da família, como portadora de valores e da moralidade. O apoio e valorização são mútuos, pois se a família se apóia no discurso religioso como mecanismo de autopreservação, a religião também se apóia na família para que seus ensinamentos e a adesão às práticas e doutrinas aconteçam, através de uma base segura para sua propagação e sobrevivência. Segundo a socióloga Maria das Dores Campos MACHADO, em sua obra “*Carismáticos e pentecostais – adesão religiosa na esfera familiar*” (1996):

O reconhecimento da forte relação entre as tradições religiosas e a família tem sido um dos principais espaços de transmissão das religiões, fornecendo o contexto moral básico para a socialização de seus valores. Por isso as religiões costumam assumir a moral religiosa como base de uma ordem social mais ampla, e adotam a família como símbolo de estabilidade moral e social.⁴

No artigo de Valéria Melki BUSIN, *Religião, sexualidades e gênero*⁵, a autora, ao fazer uma breve “descrição do Campo Religioso Brasileiro”, com base nos censos demográficos de 1991 e 2000⁶, procura “mostrar a importância da matriz católica na cultura brasileira” e como a “visão negativa da sexualidade pela Igreja Católica” influenciou e ainda influencia a sociedade, e, por conseguinte, outras formas de crer. Mesmo com as mudanças já citadas acima e com a diminuição do número de católicos nos últimos anos⁷, seu discurso sobre sexualidade, gênero e família ainda são muito presentes no cotidiano.

Segundo BUSIN (2011, p.115): “a principal estratégia utilizada pelo Catolicismo para impor seus valores morais para a sociedade pressupõe um forte investimento na família de origem e na manutenção do modelo nuclear de família.”⁸ Essa estratégia também é utilizada pelas Testemunhas de Jeová.

Por isso, estudar a família num contexto religioso se torna elemento essencial para se analisar a adesão religiosa e a permanência em grupos religiosos, bem como, a propagação dos valores e doutrinas sagradas. “*A religião e a família funcionam como uma espécie de*

mecanismo de equilíbrio, oferecendo ao indivíduo uma ordem integradora e cheia de significados para sua vida em sociedade.”⁹

No caso específico desta comunicação, o estudo sobre a relação entre família e religião, no grupo Testemunhas de Jeová, é feito numa pequena cidade do interior baiano Santo Estevão, num período recente – 1970 a 2001 – que levou em conta a importância da família para a preservação das doutrinas do grupo.

Santo Estevão, no início da década de 1970, era uma cidade com 25.410 habitantes, sendo que 80% destes viviam na zona rural. A economia tinha na agricultura o seu principal sustentáculo, com a produção dos seguintes gêneros agrícolas, feijão, milho, fumo, mandioca, laranja e castanha de caju. Durante o período em questão, a cidade teve seis prefeitos, com destaque para a única prefeita que o município possuiu até hoje, Adair Miranda Cerqueira e Silva, entre 1977 a 1982. A cidade apresentou também, um crescente crescimento urbano, com o aumento do êxodo rural, além de, praticamente, duplicar o número de habitantes, saltando para 41.138, em 2000. Não apenas as Testemunhas de Jeová precisam de mais estudos acadêmicos, como também Santo Estevão, já que as únicas fontes foram o site do IBGE e o livro, escrito em 1983, do médico Ivan Claret Marques Fonseca, intitulado *Introdução à História de Santo Estevão do Jacuípe*.

A família é um assunto recorrente na literatura e nas reuniões dos irmãos. As entrevistas com alguns membros do grupo também serviram para constatar essa ênfase dada à vida familiar. Foram realizadas seis entrevistas, além das observações participante nas reuniões do grupo, tanto para estreitar os laços com os membros do grupo, como para perceber a dinâmica deles, a maneira como se vestem, se comportam, o vocabulário utilizado, a maneira como interagem uns com os outros. As leituras das produções feitas pelo grupo, tanto com as publicações que falam sobre família¹⁰, bem como as doutrinas e costumes do grupo¹¹, as fontes iconográficas, que no caso das Testemunhas de Jeová possuem uma característica muito didática são de fundamental importância para conhecer o funcionamento interno do grupo.

A Sociologia da Religião indiscutivelmente tem contribuído e muito para os estudos históricos sobre as religiões e não seria diferente aqui. Em se tratando de símbolos, linguagens e representações o pensamento do sociólogo Pierre BOURDIEU em *“Economia das Trocas Simbólicas”*¹² se faz indispensável para este, como também para qualquer outro trabalho de pesquisa no campo religioso. Esse referencial proporciona uma melhor observação das trocas simbólicas que acontecem com o grupo estudado, como e para quem ela é produzida,

distribuída e, digamos assim, consumida, já que BORDIEU trata essas trocas como uma relação econômica e simbólica também. A linguagem apresentada pelo grupo, a padronização de um estilo de roupa para irem à reunião, entre outras características são reproduzidos pelo discurso escrito da Associação Torre de Vigia. Analiso como esse discurso contribuiu e continua contribuindo para a construção de um modelo de família, para os fiéis Testemunhas de Jeová em Santo Estevão.

- **Transformações sociais x modelo conservador de família**

O estudo da historiadora Eni Mesquita SAMARA (1983) entitulado de “*A família brasileira*” tem como objetivo desconstruir a imagem da “mulher submissa e do marido dominador” na sociedade paulistana do século XIX. Há uma crítica, em seu trabalho, do “modelo genérico da estrutura familiar brasileira”, classificando-a como família patriarcal, sem levar em consideração as mudanças nessa sociedade ao longo do período colonial até o século XIX, como também sem analisar as especificidades e diferenças entre sociedades, como a paulistana e a nordestina. Segundo a SAMARA(1983): “É evidente, portanto, que a família patriarcal deixou na sociedade resquícios da sua organização, o que não significa que possa ser considerada ainda como único modelo institucional válido.”¹³

Ao analisar a relação família e religião no contexto histórico deste trabalho, que é a década de 1970 até o início do século XXI, o que se percebe, a princípio é o caráter conservador das instituições religiosas, que, como afirma Maria das Dores MACHADO (1996) utilizam um discurso moralizador baseado na família. Para a autora, o modelo patriarcal ainda exerce forte influência, por exemplo, entre católicos carismáticos e entre os pentecostais, grupos estudados pela autora, com algumas ressignificações, por causa do envolvimento das mulheres no trabalho religioso. Desta forma, os papéis dentro da família, segundo o discurso religioso deve ser bem definido, porque essa hierarquia implica também numa ordem social definida.

Sara Silva dos Anjos, analisando “O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana (1949-1980), demonstra como a “estrutura simbólica da religião é, em muitos aspectos, hierarquizada”¹⁴ e que, mesmo as mulheres assembleianas, no caso de sua pesquisa, sendo importantes para o crescimento numérico na Assembléia de Deus, através da atuação na ação proselitista, entre outras atividades, elas ainda tinham que ser submissas à autoridade masculina, tanto em casa como na igreja, porque quem assumia os cargos mais altos, eram os homens.

Há uma contradição, pois ao mesmo tempo que eram ‘coluna’ da Igreja, eram colocadas em segundo plano na hierarquia eclesiástica. As mulheres não podiam ministrar os cultos, dirigir congregações, até mesmo quando dirigiam um culto não usavam o púlpito, pois este era destinado aos homens, já que a Assembléia não ordenava as mulheres.¹⁵

Outra autora a se debruçar nessas questões sobre a hierarquia dos gêneros na religião é Clara MAFRA, que em seu artigo *Gênero e Estilo Eclesial* sobre os evangélicos, faz uma análise do discurso apresentados por estes em relação ao papel feminino e masculino em suas famílias. Segundo a autora: “Os evangélicos recorrem tanto a concepções hierárquicas quanto igualitárias na relação de gênero, conforme o assunto em pauta. Quando a questão é dos papéis de gênero à família, os evangélicos valorizam a hierarquia.”¹⁶

No caso das Testemunhas de Jeová, essa presença feminina na ação proselitista, fazendo estudos nos lares é muito grande, mas elas não podem assumir nenhum tipo de cargo. Em entrevista com um dos anciãos da Congregação Central Roque Conceição, em Santo Estevão, ele diz o seguinte:

As mulheres têm oportunidade para fazerem tudo, né? Tudo com tudo entre aspas. Em falta de varão, a mulher toma a dianteira e faz tudo o que o varão faz, na falta de varão. Mas quando tem varão qualificado, sempre quem toma a dianteira é o homem. E a mulher comenta, faz parte, muitas coisas que honram e gloria o nome de Jeová.¹⁷

Mas, pensar apenas desta forma não seria uma visão simplista dessa relação de apoio mútuo entre religião e família, ou o “mito da mulher submissa e do homem dominador” não passa de um discurso, conforme SAMARA e que na prática, se manifesta de maneira diferente?

Não se pode negar, no entanto, que há um ideal de família, de marido, mulher e filhos existente no discurso religioso e que ele se torna um objetivo a ser alcançado pelos seus membros. No entanto, como afirma CHARTIER (1990), a assimilação de um discurso, seja ele religioso, político, etc. não se dá de forma integral e homogênea para aqueles que o ouvem, pois as pessoas, como sujeitos que são, o interpretam a partir de suas vivências, expectativas de vida e interesses¹⁸. Por mais homogeneizador que o discurso pareça ser – e no caso do grupo em questão, o discurso da Torre de Vigia parece ser reproduzido fielmente pelos seus fiéis, até mesmo em suas falas, e principalmente, na prática – esse discurso passa também por ressignificações, mesmo que bem sutis.

Num dos trechos do livro “*O segredo de uma família feliz*”(1996) é dito o seguinte sobre o modelo familiar ideal para os Testemunhas de Jeová:

Conselhos sobre conseguir uma família feliz aparecem de todos os lados (...) Onde, então, podemos encontrar orientação familiar confiável? (...) Essa fonte é a Bíblia. Se estiver inclinado a descartar a possibilidade de que a Bíblia possa ajudar a produzir famílias felizes, considere o seguinte: Aquele que inspirou a Bíblia é o originador do casamento.¹⁹

Para as Testemunhas de Jeová há um manual a ser seguido para aqueles que querem ter uma família feliz, esse manual é a Bíblia, regra de fé e prática para os protestantes em geral. Nela, segundo os fiéis, pode ser encontrado o verdadeiro perfil do “bom” esposo e de uma “boa” esposa, como também afirmou em entrevista o senhor Roque Conceição:

A Bíblia diz que o homem é a cabeça do lar. Mas, a cabeça não é uma cabeça autoritária uma cabeça que faz as coisas com amor, que sempre segue o exemplo de Cristo. Ele cuidava dos seus discípulos com amor e carinho. Se torna mais fácil a mulher aceitar a chefia. Não é um marido grosso, cruel que sempre impõe ordens não, é com amor. E a esposa quando observa isso, faz as coisas com amor para com o marido. (CONCEIÇÃO, 03 de julho de 2009, casa da sogra do depoente)

Esse discurso da submissão não é proferido apenas pelos homens, as mulheres também o reproduzem, pois está calcado no mito de Eva, da tradição judaico-cristã. Uma das entrevistadas Dona Jailza Borges, quando perguntada sobre quem toma as decisões no casamento, ela respondeu o seguinte:

É, sem sombra de dúvidas é o próprio marido, né. A Bíblia deixa bem claro que o marido ele é o cabeça de sua esposa, então, se ele é o cabeça ou o chefe, nós esposas devemos nos esforçar para sermos submissas e obedientes à chefia. Agora, isso não quer dizer que, por ele ser o cabeça, ou o chefe, ele vai ser mandão, tirano ou etc.. Não é bem assim. Ele procura também levar em conta, em consideração os desejos e os sentimentos de sua esposa. Mas ao tomar decisões no casamento, cabe ao marido, ou seja, a decisão final é dele²⁰.

Esse discurso, que aos ouvidos mais contemporâneos pode ferir, pois ele é extremamente conservador sobre o papel que marido e mulher devem ocupar na família, aparece de forma amena na colocação que ambos fazem depois, parecendo até uma contradição, mas que demonstra claramente como na prática, por mais radical que seja o discurso falado ou escrito, ele pode ser modificado, interpretado. Dai a importância da

História do Tempo Presente se debruçar sobre a temática família e religião, para perceber a permanência do discurso conservador sobre a família, que é apropriado pela religião, ao longo de séculos, e ressignificado, em função das mudanças ocorridas na sociedade circundante. É um tempo tão próximo do historiador que o estuda, permitindo observações participantes nos espaços dos próprios grupos religiosos.

- **A Família Testemunha de Jeová**

Além da família formada pela consanguinidade, é válido salientar a importância da família religiosa como meio de controle e vigilância dos indivíduos, a fim de ser evitados “desvios” de conduta. Para isso, é enfatizada a importância da comunhão entre os irmãos, e da prioridade que esses laços devem ter, em relação a outras amizades fora do grupo. A respeito disso, o livro “*Meu drama: nasci Testemunha de Jeová*” (2002)²¹, escrito pelo ex Testemunha de Jeová, Mathews Sena Campos, denuncia o discurso produzido pelo grupo de afastamento das relações de amizades com pessoas que não fazem parte do grupo, por ser nocivo à fé e aos princípios estabelecidos pela Organização. As denominações protestantes, em geral, também produzem esse discurso de afastamento em relação às pessoas que não fazem parte do grupo, consideradas como pessoas do mundo e incentivam aos seus membros a buscarem uma integração cada vez maior entre os membros da comunidade religiosa.

As relações de sociabilidade, que o grupo tenta construir entre eles, através dos momentos que passam juntos no Salão do Reino ou no serviço de campo, mas principalmente nos momentos de lazer – indo à casa uns dos outros, por exemplo, fazem com que as pessoas se fechem dentro da própria Organização. Em Santo Estevão há um dia na semana em que os rapazes do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová jogam bola juntos, sem a presença de rapazes que não pertençam ao grupo religioso. Em outros momentos eles reúnem-se para assistir filmes e conversarem entre si.

Para as Testemunhas de Jeová ter uma família feliz é também estar em comunhão com os irmãos da congregação. Essa representação de família também se estende aos laços estabelecidos dentro do grupo, tanto que o cumprimento entre eles é através da palavra irmão. Isso demonstra como a identidade e o sentimento de pertença construído por eles os faz enxergar o grupo como uma família, que precisa ter uma boa convivência entre seus membros e ser mantida longe das influências externas e perigosas da sociedade em geral. Família essa que não precisa ter laços consanguíneos para existir, mas que depende unicamente da crença em Jeová e naquilo que eles entendem ser a vontade divina para as suas vidas, a divindade é pai de todos, da família na fé.

- **Considerações Finais**

Ao tratar de um tema tão complexo e delicado como é a família esta comunicação traz em pauta a responsabilidade do historiador em relação ao texto que este produz. A História fala dos homens, suas relações, sua trajetória deixada no tempo e ela muitas vezes não é linear e previsível, o que torna o ofício do historiador mais empolgante e perigoso do que se possa imaginar.

Concordo com a afirmação de ARIÉS²²(1981), quando mostra como a família não apenas sobreviveu à contemporaneidade, ao individualismo, mas como permaneceu em destaque na sociedade. Ela parece ter respondido à altura aos mais céticos de sua sobrevivência. Na realidade o que parece ter acontecido foi uma variedade de “modelos” familiares vindos á tona e sendo utilizados ao gosto dos perfis contemporâneos. As mudanças na área de comportamento também permitiram que casais homossexuais pudessem formar suas famílias, por exemplo.

Porém, como a História vive de rupturas e permanências, as religiões, principalmente, o cristianismo tem um modelo, que chamamos de conservador, mas que pode ser vistas não apenas como uma tentativa de autopreservação dessas duas instituições, mas também como uma resistência às constantes mudanças pelas quais as estruturas sociais passam, inclusive, a de Santo Estevão.

“Tudo que é sólido desmancha no ar”, como diria Marx, mas por que a família não se desmanchou e nem a religião? Parece que a sociedade moderna criou seus próprios demônios e precisa exorcizá-los diariamente. Criou também sua própria solidão, tão claustrofóbica quanto um corredor estreito e no final de um dia estressante de trabalho, todos precisam voltar para o “lar, doce lar”, a fim de aliviar a tensão e acreditar que um dia as coisas melhorem.

A religião e a família criaram mecanismos de sobrevivência, dentre os quais a apropriação do discurso uma da outra trouxe êxito para ambas. “A família precisa de Deus”, declara a religião. A família, por outro lado, encontra na religião princípios importantes para a criação de filhos e gerir os conflitos que surgem. A união está feita entre elas e não há previsão de separação entre essas duas grandes instituições sociais.

Foi essa constatação que tive ao analisar o discurso produzido por um grupo tão fechado entre si, como as Testemunhas de Jeová, através da assimilação desse discurso por pessoas de uma cidade do interior baiano, como Santo Estevão, que veem na família, antes de tudo, uma criação divina e que, portanto, precisa ser protegida do individualismo da sociedade

contemporânea. Essa família se estende aos membros do grupo e não apenas aos laços consanguíneos, como ocorrem em outros grupos religiosos, a exemplo do Candomblé.

Existe a necessidade de novas pesquisas e estudos a respeito dessa relação família-religião, e a presente comunicação procurou somar, mesmo que timidamente, neste simpósio temático, bem como na produção historiográfica que está sendo feita a respeito do tema, ou com temáticas similares.

¹ Camila Noêmia Renner Santos Bastos - Mestranda pelo Programa de Pós Graduação do Mestrado em História, Universidade Estadual de Feira de Santana/Bahia; professora da Rede Pública Estadual de Educação Básica. cnoemia@hotmail.com

² SOUSA, Valéria Lopes de. *Servidoras da causa: Mulheres Batistas em Feira de Santana*. UEFS, Bahia, 2004.

³ Ibid., p.61.

⁴ MACHADO, Maria das Dores. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Ed. Autores Associados/ANPOCS, 1996, p. 35.

⁵ BUSIN, Valéria Melki. Religião, Sexualidades e gênero. *Revista Rever*. SP: Paulinas, ano 11, n01, pp105-124, jan/jun 2011.

⁶ IBGE (Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia)

⁷ Em 1991, 83, 4% da população brasileira era Católica apostólica romana; em 2000, caiu para 73,89%, segundo os Censos do período.

⁸ BUSIN, Valéria Melki. Religião, Sexualidades e gênero. *Revista Rever*. SP: Paulinas, ano 11, n01, pp105-124, jan/jun 2011, p. 115..

⁹ MACHADO, Maria das Dores. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Ed. Autores Associados/ANPOCS, 1996, p. 35.

¹⁰ O Segredo de Uma Família Feliz. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados 1996.

¹¹ O Reino de Deus – Nosso Iminente Governo Mundial. Watchtower Bible and Tract Society of New York, 1977.

¹² BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

¹³ SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo; Brasiliense: 1983, p. 20.

¹⁴ ANJOS, Sara Silva dos. *O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana (1949-1980)*, Bahia, 2008, p. 16.

¹⁵ FERREIRA, Sara dos Anjos. *O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembleia de Deus em Feira de Santana (1949-1980)*; Feira de Santana, UEFS: 2008, p.56.

¹⁶ MAFRA, Clara. Gênero e Estilo Eclesial. In *Os evangélicos em casa, na Igreja e na política*. RJ: MAUAD, 1998.

¹⁷ Trecho de uma entrevista realizada com Roque dos Santos CONCEIÇÃO, em 03 de julho de 2009, na casa da sogra do depoente

¹⁸ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações, Memória e Sociedade*. São Paulo: Difel, Editora Bertrand Brasil, 1990.

A ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª Ed., 1998.

¹⁹ O Segredo de Uma Família Feliz. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados 1996, p. 10.

²⁰ Trecho da entrevista feita com Jailza BORGES em 27 de agosto de 2009, na casa da depoente

²¹ CAMPOS, Mathews Sena. *Meu Drama: nasci Testemunha de Jeová*. Salvador, O Autor, 2002

²² ARIES, Philippe. *História Social da criança e da família*; 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981